

KENT HARUF

# Nossas noites

*Tradução*

Sonia Moreira



Copyright © 2017 by Kent Haruf

Publicado mediante acordo com Alfred A. Knopf, um selo do The Knopf Doubleday Group, uma divisão da Penguin Random House, LLC

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Our Souls at Night

*Capa*

Mateus Valadares

*Foto de capa*

Emily Keegin/ Getty Images

*Preparação*

Ana Lima Cecilio

*Revisão*

Marise Leal

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Haruf, Kent

Nossas noites / Kent Haruf ; tradução Sonia Moreira. — 1<sup>a</sup> ed.

— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Our Souls at Night

ISBN 978-85-359-2866-2

1. Romance norte-americano 1. Título.

17-00659

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# 1.

E então um dia Addie Moore fez uma visita a Louis Waters. Foi num fim de tarde em maio, pouco antes de escurecer completamente.

Eles moravam a um quarteirão de distância um do outro na Cedar Street, na parte mais antiga da cidade, onde havia olmos, lódãos e um bordo solitário plantados ao longo do meio-fio e gramados verdes se estendendo da calçada até as casas de dois andares. O tempo tinha ficado quente durante o dia, mas esfriado agora à noitinha. Ela foi andando pela calçada sob as árvores e virou em direção à casa de Louis.

Quando Louis veio até a porta ela disse: Será que posso entrar para falar uma coisa com você?

Eles se sentaram na sala de estar. Quer tomar alguma coisa? Um chá?

Não, obrigada. É possível que eu não fique aqui tempo bastante para terminar de tomar o chá. Ela olhou em volta. Sua casa está bonita.

A Diane sempre manteve a casa bonita. Eu tenho feito o que posso para conservar.

Continua bonita, disse ela. Fazia anos que eu não vinha aqui.

Ela olhou pelas janelas para o quintal ao lado, onde a noite estava caindo, e para a cozinha, onde uma luz acesa iluminava a pia e as bancadas. Tudo parecia limpo e arrumado. Ele estava observando Addie. Ela era uma mulher bonita, ele sempre havia achado. Tinha cabelo escuro quando mais nova, mas agora ele estava branco e curto. Ela ainda estava em forma, só um pouco mais cheia na cintura e nos quadris.

Você deve estar se perguntando o que vim fazer aqui, disse ela.

Bem, não imagino que você tenha vindo para me dizer que a minha casa está bonita.

Não. Quero fazer uma sugestão para você.

Sugestão?

É. Na verdade é uma espécie de proposta.

Está bem.

Não de casamento, disse ela.

Eu também não imaginei que fosse.

Mas é uma proposta que tem um pouco a ver com casamento. Só que agora eu não sei se vou conseguir. Estou perdendo a coragem. Amarelando. Ela riu um pouco. Isso também acontece quando as pessoas pensam em casamento, não é?

O quê?

Amarelar.

Pode acontecer.

Pois é. Bem, vou dizer de uma vez.

Pode falar que eu estou ouvindo, disse Louis.

O que você acharia da ideia de ir à minha casa de vez em quando para dormir comigo?

O quê? Como assim?

Bem, é que nós dois estamos sozinhos. Já há muito tempo. Há anos. Eu me sinto sozinha. E acho que é possível que você

também se sinta. Então fiquei pensando se você gostaria de ir para a minha casa à noite e dormir comigo. E conversar.

Ele ficou olhando para ela, observando-a, agora com curiosidade, com cautela.

Você não diz nada. Eu fiz você perder a fala?, ela perguntou.

Acho que sim.

Não estou falando de sexo.

Eu estava aqui me perguntando.

Não, sexo não. Não é essa a minha ideia. Acho que perdi todo e qualquer impulso sexual já faz muito tempo. Estou falando de ter uma companhia para atravessar a noite, para esquentar a cama. De nós nos deitarmos na cama juntos e você ficar para passar a noite. As noites são a pior parte. Você não acha?

Acho. Acho, sim.

Eu acabo tomando remédio para dormir e lendo até de madrugada e depois fico grogue no dia seguinte. Imprestável para mim mesma ou para qualquer outra pessoa.

Isso também acontece comigo.

Mas acho que conseguiria dormir de novo se houvesse outra pessoa na cama comigo. Uma pessoa gentil. Essa proximidade. Poder conversar durante a noite, no escuro. Ela esperou. O que você acha?

Não sei. Quando você gostaria de começar?

Quando você quiser. Se você quiser, disse ela. Pode ser esta semana mesmo.

Vou pensar, está bem?

Está bem. Mas quero que você me ligue no dia em que for, se você for. Para eu saber que devo te esperar.

Está bem.

Fico esperando você entrar em contato, então.

E se eu roncar?

Se roncar, roncou; ou vai aprender a parar.

Ele riu. Isso seria inédito.

Ela se levantou, saiu e foi andando de volta para casa, e ele ficou na porta olhando para ela, para aquela mulher de setenta anos, de estatura mediana e cabelo branco caminhando sob as árvores e sob os raios de luz lançados pelo poste de iluminação da esquina. Que diabos, ele disse. Calma, não se precipite.

## 2.

No dia seguinte, Louis foi ao barbeiro na Main Street e cortou o cabelo bem curto, quase à escovinha, depois perguntou ao barbeiro se ele ainda fazia barbas e, como o barbeiro disse que sim, Louis fez a barba também. Então foi para casa, ligou para Addie e disse: Eu gostaria de ir para a sua casa esta noite, se a proposta ainda estiver de pé.

Está. Está, sim, disse ela. Fico contente.

Ele fez uma refeição leve no jantar, só um sanduíche e um copo de leite, não queria se sentir pesado e empanzinado na cama dela, depois tomou um longo banho quente e deu uma boa esfregada no corpo todo. Cortou as unhas das mãos e dos pés e, quando escureceu, saiu pela porta dos fundos e foi caminhando pela viela atrás das casas, carregando um saco de papel com seu pijama e sua escova de dentes. Estava escuro na viela, e seus pés faziam um barulho áspero no chão de cascalho. Uma luz estava acesa na casa do outro lado da viela, e ele viu a mulher de perfil lá dentro, diante da pia da cozinha. Entrou no quintal da casa de Addie Moore, passou pela garagem e pelo jardim e

bateu na porta dos fundos. Ficou esperando um bom tempo. Um carro passou na rua em frente à casa, seus faróis iluminando a noite. De onde Louis estava, dava para ouvir os garotos da escola secundária buzinando uns para os outros na Main Street. Então, a luz da varanda dos fundos se acendeu acima da cabeça dele e a porta se abriu.

O que você está fazendo aqui nos fundos? Addie perguntou.

Achei que vindo por aqui seria menos provável que as pessoas me vissem.

Eu não me importo com isso. Elas vão acabar sabendo. Alguém vai ver. Venha pela calçada da frente e entre pela porta principal. Resolvi que não vou ficar me preocupando com o que as pessoas pensam. Já fiz isso tempo demais — a minha vida inteira. Não vou mais viver desse jeito. A viela dá a impressão de que nós estamos fazendo alguma coisa errada ou indecorosa, algo digno de vergonha.

Fui professor numa cidade pequena por tempo demais, disse ele. Esse é que é o problema. Mas tudo bem. Na próxima vez eu venho pela porta da frente. Se houver próxima vez.

Você não acha que vai haver?, disse ela. Isso vai ser um caso de uma noite só?

Sei lá. Talvez. Tirando a parte sexual disso, claro. Eu não sei como vai ser.

Você não tem nem um pouquinho de fé?, ela perguntou.

Em você eu tenho. Já estou sentindo que posso ter fé em você. Mas não sei se vou conseguir me igualar a você.

Do que você está falando? Como assim?

Em coragem, disse ele. Em disposição para arriscar.

Sim, mas você está aqui.

É verdade. Estou.

Então é melhor você entrar. A gente também não precisa ficar a noite inteira aqui fora. Mesmo que não esteja fazendo nada de que se envergonhar.

Ela atravessou a varanda dos fundos e entrou na cozinha, e ele seguiu atrás dela.

Vamos tomar alguma coisa antes, disse ela.

Parece uma boa ideia.

Você toma vinho?

Às vezes.

Mas prefere cerveja?

É, prefiro.

Então eu compro cerveja da próxima vez. Se houver próxima vez, disse ela.

Louis não sabia se ela estava brincando ou não. Se houver, ele disse.

Você prefere vinho branco ou tinto?

Branco, por favor.

Ela pegou uma garrafa da geladeira, encheu duas taças até a metade e eles se sentaram em torno da mesa da cozinha. O que tem nesse saco de papel?, ela perguntou.

Pijama.

Isso quer dizer que você está disposto a fazer a experiência pelo menos por uma noite.

Sim, é exatamente o que isso quer dizer.

Eles terminaram de tomar o vinho. Quer mais?

Não, acho que não. Será que nós poderíamos dar uma volta pela casa?

Você quer que eu te mostre os quartos e a disposição dos cômodos.

Só quero ter uma ideia melhor do lugar em que estou.

Pra você poder sair de fininho no escuro, se for preciso.

Bem, não, não era nisso que eu estava pensando.

Ela se levantou e mostrou a ele a sala de jantar e a sala de estar. Depois subiu a escada para lhe mostrar os três quartos. O quarto maior, na parte da frente da casa e com vista para a rua,

era o dela. Nós sempre dormimos aqui, disse ela. O quarto lá de trás era do Gene e o outro quarto nós usávamos como escritório.

Havia um banheiro no fim do corredor e mais um perto da sala de jantar no andar de baixo. A cama do quarto dela era *king size* e estava coberta com uma colcha leve de algodão.

Que tal?, ela perguntou.

A casa é maior do que eu pensava. Tem mais cômodos.

Ela foi uma boa casa para nós. Moro aqui há quarenta e quatro anos.

Dois anos depois que eu me mudei para cá com a Diane.

Faz muito tempo.

### 3.

Acho que vou ao banheiro, disse Addie.

Quando ela saiu do quarto, ele ficou vendo as fotografias que estavam em cima da cômoda e depois as que estavam penduradas nas paredes. Retratos de família com Carl no dia do casamento deles, nos degraus da igreja em algum lugar. Os dois nas montanhas, na beira de um riacho. Um cachorrinho preto e branco. Louis tinha conhecido Carl, mas apenas superficialmente. Um homem íntegro e bastante calmo, que vendia seguros agrícolas e outros tipos de seguro para pessoas de todo o condado de Holt vinte anos antes e, mais tarde, tinha sido eleito prefeito da cidade e cumprido dois mandatos. Louis nunca havia chegado a conhecê-lo muito bem. Estava contente por isso agora. Havia também fotos do filho deles. Gene não se parecia com nenhum dos dois. Um menino alto e magro, muito sério. E duas fotos da filha deles quando menina.

Quando Addie voltou, ele disse: Acho que vou ao banheiro também. Ele foi, usou o vaso sanitário e lavou as mãosmeticulamente. Botou um pouco da pasta de dentes dela na sua escova

e escovou os dentes, depois tirou os sapatos e a roupa e vestiu o pijama. Pôs suas roupas dobradas em cima dos sapatos, deixou tudo no canto atrás da porta e voltou para o quarto. Ela tinha vestido uma camisola e agora estava deitada na cama, a luz do abajur ao seu lado acesa, a luz do teto apagada e a janela aberta alguns centímetros. Soprava uma brisa fresca e suave. Ele parou ao lado da cama. Ela puxou uma beirada do lençol e da coberta para baixo.

Você não vem pra cama?

Estou pensando na ideia.

Ele se deitou, mantendo-se do seu lado da cama, depois se cobriu e encostou a cabeça no travesseiro. Não disse nada.

No que você está pensando?, ela perguntou. Está tão calado.

Estou pensando em como isso é estranho. Em como estar aqui é uma coisa nova pra mim. Em como estou me sentindo inseguro e meio nervoso. Eu não sei direito no que estou pensando. Uma porção de coisas embaralhadas.

É uma coisa nova, não é?, disse ela. Mas é um tipo bom de coisa nova, eu acho. Você não acha?

Acho.

O que você costuma fazer antes de dormir?

Ah, vejo o noticiário das dez, depois vou pra cama e fico lendo até dormir. Mas não sei se vou conseguir dormir hoje. Estou muito agitado.

Vou apagar a luz, disse ela. Mas nós podemos continuar conversando. Ela se virou na cama e ele ficou olhando para seu ombro nu e macio e para seu cabelo brilhoso sob a luz.

Então o quarto ficou escuro, iluminado apenas pela luz suave que vinha da rua. Eles ficaram conversando sobre assuntos banais, se conhecendo um pouco, sobre os acontecimentos rotineiros da cidade, a saúde da velha sra. Ruth, que morava numa das casas entre as deles, sobre a pavimentação da Birch Street. Depois se calaram.

Passado um tempo, ele perguntou: Você ainda está acordada?  
Estou.

Você perguntou no que eu estava pensando. Uma das coisas que me passaram pela cabeça foi: ainda bem que nunca cheguei a conhecer muito bem o Carl.

Por quê?

Eu não me sentiria tão bem de estar aqui como estou me sentindo se o tivesse conhecido melhor.

Mas eu conhecia muito bem a Diane.

Uma hora depois, ela estava dormindo e respirando suavemente. Ele continuava acordado. Tinha ficado observando Addie. Mesmo na penumbra, dava para ver o rosto dela. Eles não tinham se tocado nenhuma vez. Às três da manhã, ele se levantou e foi ao banheiro, voltou e fechou a janela. Havia começado a ventar.

Quando amanheceu, ele se levantou, se vestiu no banheiro e olhou de novo para Addie Moore na cama. Ela estava acordada agora. A gente se vê mais tarde, disse ele.

Vê?

Sim.

Ele saiu e foi andando para casa pela calçada em frente às casas vizinhas, entrou, fez café, comeu torradas com ovos, depois saiu e ficou trabalhando no seu jardim durante duas ou três horas, voltou para a cozinha, almoçou cedo e, à tarde, dormiu um sono pesado por cerca de duas horas.